



UZIVARON, DIVULGAÇÃO

## Uma voz contra o fanatismo

Escritor israelense Amos Oz discutirá fanatismo e literatura em sua palestra de hoje no Fronteiras do Pensamento

**AMOS OZ**, maior autor israelense vivo e um ardente defensor do entendimento no Oriente Médio, profere a palestra de hoje no Fronteiras do Pensamento

**CARLOS ANDRÉ MOREIRA**  
carlos.moreira@zerohora.com.br

Amos Oz é considerado um dos maiores autores israelenses vivos. Ao longo de meio século de atividade literária, intercalou algumas das mais instigantes histórias humanas com o pano de fundo político e social da existência de Israel. Uma de suas obras-primas, *A Caixa Preta* (1987), parte de um triângulo amoroso no centro de uma família disfuncional para refletir sobre as guerras de Israel, a experiência socialista dos kibutz, as problemáticas relações entre árabes e judeus na Terra Santa. E esse é apenas um exemplo de como política e literatura se imbricam na obra de um autor que faz de seu tempo matéria-prima.

Oz estará hoje no Salão de Atos da UFRGS como convidado do ciclo de palestras Fronteiras do Pensamento. Na pauta de sua conferência, estão sua literatura e suas visões políticas, elementos paralelos mas inseparáveis na trajetória do autor, que está lançando um novo livro no Brasil – a coletânea de ensaios *Mais de uma Luz*, em que discute a possibilidade de tolerância, a psicologia de um fanático, o papel do judaísmo não como religião, mas como uma identidade cultural, e a política internacional para a região.

Criador do movimento Paz Agora, Oz há anos conchama ao entendimento entre árabes e israelenses, entre a maioria de árabes e israelenses não contaminados pelo fanatismo ruidoso que domina as discussões. Oz é um advogado da solução binacional, com o território dividido entre duas nações soberanas: Israel e Palestina. Sua crítica feroz à política de Benjamin Netanyahu já o fez ser chamado de “traidor” dentro de seu próprio país. Oz respondeu como sempre, com literatura, escrevendo um romance sobre a figura arquetípica do traidor na cultura ocidental – e o estopim do antissemitismo histórico – Judas.

### NOVO LIVRO EXPANDE TÓPICOS DO ANTERIOR

*Mais de uma Luz* é, ao mesmo tempo, uma continuação e uma expansão do bem-sucedido *Como Curar um Fanático*, lançado em 2016. Oz argumenta que a ascensão dos fanatismos é geral na contemporaneidade, e não exclusividade do ruidoso extremismo islâmico. Parte do apelo do texto está no fato de que, apesar de apresentar uma crítica contundente do fenômeno, Oz não deixa de abrir sua imaginação aos motivos profundos que orientam as ações de um fanático – ideia distorcida que, na origem, poderia até ser confundida com altruísmo.

“Fanáticos religiosos e fanáticos ideológicos de todos os tipos cometem atos criminosos de terrível violência não só porque abominam os hereges, ou o Ocidente, ou os muçulmanos, ou os esquerdistas, ou os sionistas, ou os LGBTs. Eles são sanguinários sobretudo porque querem salvar o mundo imediatamente. Salvar até os hereges. Tirá-los dos abismos de sua heresia”.

A melhor forma de combate, afirma Oz, passa por qualidades ausentes do perfil de um fanático: curiosidade e imaginação.

O Fronteiras do Pensamento Porto Alegre é apresentado por Braskem, com patrocínio Unimed Porto Alegre e Hospital Moinhos de Vento; parceria cultural PUCRS e Instituto CPFL; e empresas parceiras CMPC Celulose Riograndense, Souto Correa, Sulgás e Thyssen Krupp. Parceria institucional Fecomércio e Unicred, apoio institucional Embaixada da França e Prefeitura de Porto Alegre. Universidade parceira: UFRGS. Promoção: Grupo RBS.

### FRONTEIRAS DO PENSAMENTO

Hoje, às 19h45min.  
**Salão de Atos da UFRGS** (Av. Paulo Gama, 110 – Porto Alegre).  
Informações sobre passaportes para as conferências no site [fronteiras.com](http://fronteiras.com) e diretamente na Central de Relacionamento: (51) 4020-2050.

### UM TRECHO DE “MAIS DE UMA LUZ”



“Existem no mundo variedades distintas do mal. O discernimento entre as várias escalas do mal talvez seja a mais importante responsabilidade moral imposta a cada um de nós: todo menino sabe que a crueldade é ruim e condenável,

enquanto seu inverso, a compaixão, só merece elogios. Essa é uma distinção moral muito simples e fácil. Uma mais vital e muito mais difícil é a que se deve fazer entre diferentes tons de cinza, entre gradações do mal. Defensores agressivos da qualidade ambiental, por exemplo, ou furiosos opositores da globalização, podem se revelar fanáticos violentos. Mas o mal que causam é infinitamente menor que aquele causado por um fanático que realiza um atentado contra uma multidão. E até os pecados do fanático que perpetrar esse atentado não se equiparam aos dos fanáticos que empreendem uma limpeza étnica ou um genocídio.

Quem não for capaz de, ou não quiser, escalar o mal pode se tornar, com isso, um servidor do mal. Todo aquele que ‘enfia num único saco’ o apartheid, o colonialismo, o Estado Islâmico, o sionismo, a violação da ordem política, as câmaras de gás, o sexismo, a fortuna dos magnatas e a poluição do ar está servindo o mal no próprio ato de se recusar a fazer uma gradação.” (*Mais de uma Luz, Companhia das Letras, 96 páginas, R\$ 34,90*)